

“(...) Um homem toma posse de si mesmo por meio de lampejos, e muitas vezes quando toma posse de si não se encontra nem se alcança. (...)”

A. Artaud, *Carta para Jacques Rivière* em 25 de maio de 1924

## **Coleção Lampejos**

©n-1 edições 2019 / Hedra

### ***Ritornelos***

***Félix Guattari***

**título original** *Ritournelles* – Éditions de la Pince à Linge, 2000

primeira edição

©n-1 edições 2019

**tradução**© Hortência Santos Lencastre

**coordenação editorial** Peter Pál Pelbart e Ricardo Muniz Fernandes

**direção de arte** Ricardo Muniz Fernandes

**revisão** Pedro Taam

**projeto da coleção/capa** Lucas Kröeff

**ilustração/alfabeto** Waldomiro Mugrelise

**coedição** Jorge Sallum e Felipe Musetti

**assistência editorial** Luca Jinkings e Paulo Henrique Pompermaier

**ISBN** 978-65-81097-02-8

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.*

*Direitos reservados em língua portuguesa somente para o Brasil*

N-1 EDIÇÕES

R. Frei Caneca, 322 (cj 52)

São Paulo-SP, Brasil

**Guattari**  
elos

**Félix Guattari**  
Ritornelos

**Félix Guattari**  
Ritornelos

**Félix G**  
Ritorne

O livro como imagem do mundo é de toda maneira uma ideia insípida. Na verdade não basta dizer Viva o múltiplo, grito de resto difícil de emitir. Nenhuma habilidade tipográfica, lexical ou mesmo sintática será suficiente para fazê-lo ouvir. É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira mais simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre  $n-1$  (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a  $n-1$ .

Gilles Deleuze e Félix Guattari

**FÉLIX GUATTARI** psicanalista, filósofo e militante, nasceu na França em 1930 e morreu em 1992. Trabalhou na clínica de La Borde, junto a Jean Oury. Publicou *Psicanálise e transversalidade*, *A revolução molecular*, *As três ecologias* e *Caosmose*, entre outros. Com Deleuze escreveu sobretudo *O anti-Édipo* e *Mil Platôs*, renovando o panorama da filosofia francesa.

Conhecido sobretudo pelas noções de “micropolítica”, “esquizoanálise” e “ecosofia”, esteve sempre atento às mutações do desejo e da subjetividade contemporânea. Interessou-se desde cedo pelos movimentos políticos no Brasil, pelo surgimento das rádios livres na Itália, pela rede internacional de alternativas à psiquiatria – em suma, pelo que ele mesmo chamou de “revoluções moleculares”.



# Ritornelos

Hortência Santos Lencastre  
(*tradução*)





As noites, pústulas de vida, são sempre iguais. A mão se agarra à cortina vermelha. O que é que ela está remexendo na gaveta? Já conversamos. Ele não tinha escolha, era ou vai ou racha. Margens, tênues interstícios. Ou ele metia a cara, ou então, francamente... A partir de agora, ele não está mais para ninguém. Maneira de dizer, porque, à menor distração, uma transatlântica sirene dos anos vinte começava a gemer e, aos poucos, ia se formando a ideia de que o tempo das derradeiras agitações estava de volta.

Alto, curvado, pulôver folgado de malhas largas. Ou, se preferir, baixinho, magro como um varapau, cabelos penteados para trás, estilo rastaquera. Vidraças atravessadas pelo sol pontilham uma silhueta escura, num escritório tipo romance policial de antes da guerra. Seria muito bom, mas bom mesmo, se fossem várias coisas, um monte de coisas a perder de vista, com pessoas, ruas, portas, janelas, toda uma parafernália colorida. Mesmo que não fosse mais exatamente como antes, com expressões obsoletas, maneirismos, desvios, contorções, que conferiam uma espécie de espessura a tudo que acontecia. Recolher migalha por migalha, recolar, pedacinho por pedacinho, as poucas configurações dentro-fora que puderam resistir às correntes de ar.

Braços afastados, aspire bem fundo. A escada dá diretamente para a rua, a porta do porão está entreaberta; o rosto de uma desconhecida. Uma luz solitária acende no segundo andar. Não mexa antes de secar! Um cachorro late ao longe. O que é que eles quiseram provar? Que deixem ao menos a cueca! Os cabos vibram com o vento; a batalha dos trilhos; isso está virando os “Grandes cemitérios sob a lua”. Tua ausência despedaçou minha vida. Quem perguntou alguma coisa? É só olhar como eles fazem. Por muito tempo, ele disse para si mesmo, que bando de imbecis! E depois, enfim... Essas histórias que envolvem uns caras, umas garotas e esses bandos de macabeus. Sempre dá para ganhar alguma coisa! Com ele é diferente, até no fundo da *sierra*, perseguido pelos esquadrões da morte, ele continuaria a escrever seu diário. E já vimos que não era uma simples questão de ritmo, de equilíbrio entre as partes, mas de consistência suficiente, que, por isso mesmo, podia implicar excessos no limite do sustentável, bobagens de ranger os dentes.

Restos farinhentos, copos embaçados. Olha só, ela deixou a luz acesa. Dança do acasalamento. Ninho bagunçado. *Take it easy*. Fecha os olhos, querida. Louviers, rua do Mâtré. O móvel para o pão, no canto da cozinha, tinha uma porta arre-

dondada. Brincadeira boba do tio que o queima com o cigarro, dizendo-lhe para fechar os olhos, e que vai fazer a fumaça sair pelas orelhas. Ela entra sem bater. Um segundo de hesitação. Mas quem é essa velha tagarela? Estava bom demais. Folhas recolhidas rapidamente. Sem escapatória. Girando o punho, ela indica que não quer falar ali. Ele não tem outro jeito, senão sair com ela. Essa louca deve pensar que o escritório dele está cheio de micróbios.

Como uma marionete. Um pequeno corte no dedo, uma catástrofe esquisito. As migalhas do tempo. Se você pudesse se dar ao trabalho de se explicar! Por aí a fora, à rédea solta. Está ouvindo, cara, você entende. Ele se segura firme. Ronco de uma mobilete. Ela voltou tarde. Sintaxe asmática.

Ruiva como um campo de girassóis. Ele gira nos calcanhares. Inocentemente, por assim dizer, ele acreditou que tudo ia mudar, que ia poder viver, ao mesmo tempo, com as duas garotas, que tudo seria simples. Um, dois, três, quatro, cinco. Como deslizar sobre rodinhas. Como uma cortina de teatro. O cabaré das lilases. A cabeleira ruiva, estonteante, e o cheiro das lilases. Um precipitado carnívoro. E de volta, volta o tempo dos limpadores de fossas. Vamos sugar a merda, alegremente. Os caminhões-pipa, os tubos grossos

fedendo na calçada. Vocês nunca viram isso, não são desse tempo! O que é que a merda quer com a gente? Com os esgotos, a fossa foi transformada em abrigo antiaéreo. A merda nos créditos finais. Ela olha para você com aquela aparência opaca. A mulher sem rosto, na encruzilhada. As esculturas de Juva. O sublime kantiano. O cheiro de resina fresca. E do granizo, espalhado pela calçada da rua Aigle; uma bombona cheia é atingida pelo carrinho que eles giravam sem parar.

*Mamita Juanita esta malo.* Um monte de histórias. Ela me olha. Poderíamos fazer mil coisas. Olhos por toda a parte. Ninho de víboras. Eles brotam da trama das telas de Jean-Jacques. São vários. Ele se queixa de quê? Olhos na música, nos estudos de Czerny, na articulação dos dedos. Está me entendendo? O olhar embaçado, de bosta, da tevê. O olho verde dos rádios de antes da guerra. É isso que eles têm a dizer.

Saltos altos nos degraus de mármore. Uma bunda que balança, pra lá e pra cá. Ela sempre ajudou os argelinos e abrigou soldados britânicos. Criadora de casos nata. Ele concorda em falar com eles. Tomadas as devidas precauções, é claro. Só para testá-los, sem compromisso. Só mesmo um babaca para se meter nesse tipo de arapuca! De cara amarrada, ela declara que confia nele. Aliás,

ela não tem escolha. Esse tipo de edifício só poderia ser na periferia de Roma. Ele assovia de admiração. Que guirlanda de instantes fatais!

Na escola maternal de Saint-Pierre-du-Vauvray, ele brinca no balanço com uma moreninha. Meio séria, meio rindo. Sombrinhas de papel chines. Turbulência. Em 1943, na praia de Langeais, uma outra morena; essa devia ter uns treze anos; fazendo doce para não entrar na água com ele. Você não pode entender, tinha dito a mãe. Mas sempre tem que ter alguma coisa para entender? Mesmo gênero da ruiva girassol, e sempre, em consequência, uma coleção de solteironas de salto alto. Poderíamos colocar em fila: a dama de negro, a arma negra e o armário envidraçado da Villa Ghis; a boa decisão de recopiar o caderno de ciências naturais com a caneta nova do Papai Noel; o cachorro de Maigremont que quase o mordeu; a queda do R, a morte do avô. As cinzas misturadas com restos de cerveja, nos riscos do pires.

Com seu aspecto de nulidade, seu passado amalucado, sua menopausa persecutória, as ideias platônicas têm que se comportar! A encruzilhada do cachorro de *Los Olvidados*. E como se não bastasse, você ainda pergunta o que eles pensam! Brincadeira! Esses caras são ministros, altos funcionários, gente mundana até a raiz dos cabelos.

Ação Direta à distância sob as arcadas de Bolonha. Ela está falando com um cara sentado na mobilete. É claro que não se ouve o que eles dizem. Mesma coisa com Irene, no bulevar Saint-Michel. Mas, dessa vez, a ruptura acontece porque o cara era gente fina. Enigmáticas danças de abelhas levam até a cozinha da rua Aigle. Uma gaveta onde ele guardaria os programas de teatro, com os quais tinha uma relação quase fetichista, até que um dia, a mãe lhe perguntou se ele não gostava mais da coleção do que dos espetáculos que eles iam ver todo domingo de manhã.

A cozinha! Que coisa! Assim que entrou, ele foi ver, sem perguntar nada, de que jeito era. Tinha armários. Coisas esperando.

Nem uma palavra, nem um gesto, ou você morre. Os canalhas estão vindo. Às vezes, conseguimos reconhecer um. A garota que estava com eles era meio vulgar. Só dois dedos de vinho do Porto. Entre sem bater, bata sem entrar. Arranque as dobradiças. Destrua as fachadas. Ande logo, faça alguma coisa! A opinião como cascas de cebola antes de atingir o nervo da sensação. E a merda que começa outra vez. Lengalenga vernacular, mas sempre a mesma limitação aos valores machos, adultos, brancos, tributários das tendências. Vagir, mugir, rolar pelo chão, sufocar, parir,

amamentar, ficar visivelmente grávida, cortar o barbante com os dentes. Combinado, não vou dizer, ainda e sempre o tempo coagulado de antes da guerra, a tristeza, a pobreza, Luiza, alguns trocados para o nosso enxoval. Sobre a pia de zinco, o impacto das gotas abandonadas. Uma cordinha para puxar o basculante. Pega-moscas e rabanetes negros. Banheiro turco no andar. Uma gaiivota empapada de petróleo no guarda-comida.

Vem para a cozinha, é melhor para a gente conversar. Duas geladeiras, a nova e a velha. Já é um sinal. E a outra, indiferente, impertinente, arquiduesa, com a qual ele teria podido visitar, na baía de São Francisco, um veleiro transformado em museu. As gaiivotas e tudo mais. E no fundo, muito apagada, a bailarina de cabelos de linho com quem ele morou por algum tempo em Green Street. Nada a ver com uma partida de Go cuja estratégia consiste na posição dos primeiros peões. Muito mais margem, indefinição, aleatório, transplantes imprevisíveis. Essa mulher irritante tem alguma coisa a ver com Suzy, a irmã de Bicot, o presidente do Clube?

Largado numa poltrona rasgada, um braço esticado, um copo de uísque na mão. Pequena massa amarelada suspensa no cosmos. Nem uma gota jogada fora. Siga em frente sem olhar para trás.

Talvez eles tenham se encontrado em Lyon. Ela também trabalhava na redação de *Temps Modernes*. Só algumas perguntas. As pequenas mimosas. A valsa rosa. O papel de parede pintado de sépia. As flores enormes desbotadas pelo sol. Derapada semiótica. Marguerite, rua Saint Benoît. Fusão andrógina. Nada a ver com uma oposição masculino-feminino.

A porta vai-e-vem do elevador de ferro fundido. Alguns degraus antes do patamar, uma escada parasita conduz a um cubículo claustrofóbico. Karl deve ter tido outros esconderijos, uma espécie de nicho dando diretamente para o pátio da Sorbonne e um quarto caindo aos pedaços para os lados de uma certa praça Maubert. Não se aproxime. Gire a cabeça. E se digo *Judas, o Obscuro*, bricabraque balzaquiano, *O Morro dos ventos uivantes* ou a narrativa ancilar. Ela se jogou pela janela do quinto andar. Ela e duas amigas davam aulas de dança no castelo. E se fosse uma flor, uma cor, um animal. Um roçar na tangente das suas unhas longas. La sol dó. A menina dos cabelos de linho. Os fios das vagens verdes da tia Germaine. A estatueta verde fluorescente do Buda. Preto, ímpar e passo.

Senhora Ric e Rac. Senhor Fric e Frac. Bom dia, Augustine, como a moça das cabines de já não



sei que loja. Ela tinha lhe dado um pequeno sina-leiro que soltava faíscas ao acionar a mola. Bom dia, Pauline, como Pauline Carton. Devem ter se encontrado em 1956, num grupo de oposição comunista. Tantas coisas para fazer! Uma eterna tensão. Mas se entenderam bem, sexualmente. Ele transou com ela umas duas ou três vezes. O local da rua Geoffroy-Saint-Hillaire. As farsas do signifi-cante. Como antes da guerra de quatorze. Ela entrou sem bater. Ele fica desconcertado.

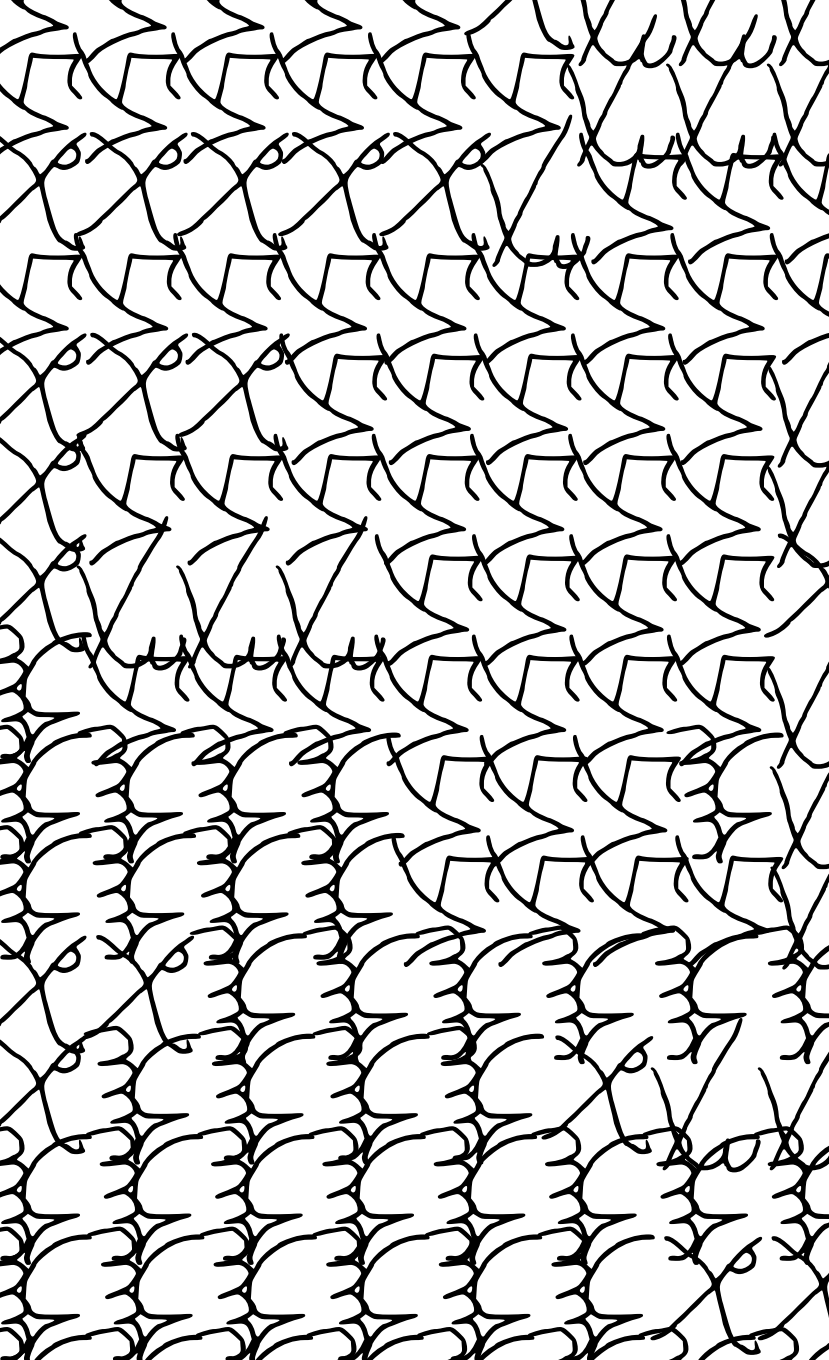
Você acha que aconteceu alguma coisa? A partir de então, era melhor não olhar mais para o céu. Cuernavaca. Milhares de andorinhas giram em volta da imensa chaminé da *hacienda*. Vão acabar todas caindo lá dentro. O olho do Cosmos como a Vaca que ri. Depois ele se recuperou na festa das lanternas. Saltou do barco e se perdeu pelas vielas.

Podemos chamar isso de máquina. Vários Uni-versos disjuntos. Golpe de sorte. Falta de sorte. Umas e outras. Alterificação. E depois, isso te per-segure, te faz reverências, te diz bom dia gente, boa noite cacetes.

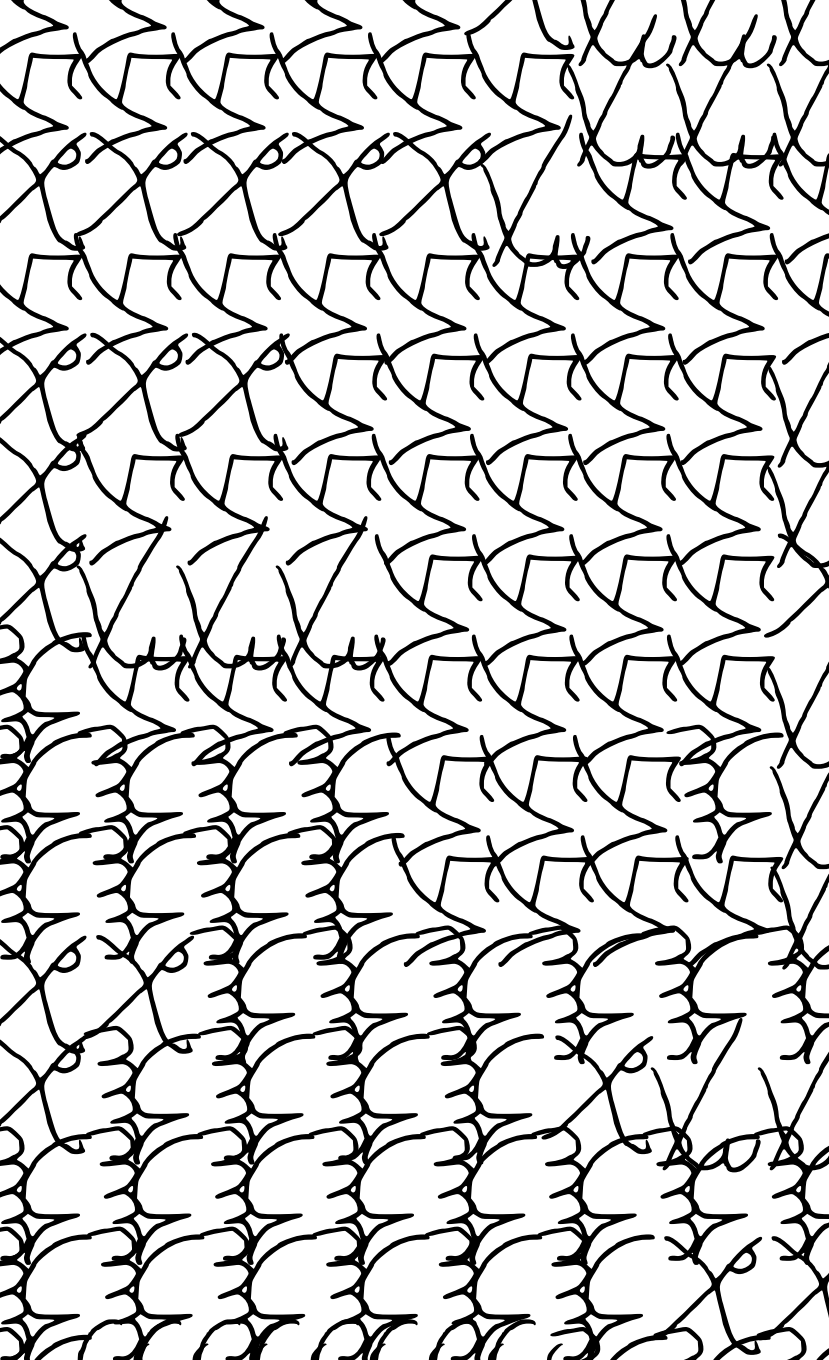
Na encosta da colina, a casa tinha duas entra-das: uma, na frente, que dava para uma autoes-trada ladeada por uma linha férrea desativada e por um rio cheio de balsas e dragas ensolaradas, e a

outra, na parte de trás, que dava diretamente para a encosta, ao nível do segundo pavimento. Sempre dá para ganhar alguma coisa! Pequena massa amarelada. A garota dos cabelos brancos. Elas te esperam na curva. Alto, baixo, frágil. Jasper Jones. A água gosmenta do limpador do para-brisas. Eu não sabia de nada. Não insista! Há momentos na vida, momentos em que tudo parece desabar, os fatos e os gestos afundam, é a discórdia entre as faculdades da alma. Silvermoon. Você quer dançar comigo?

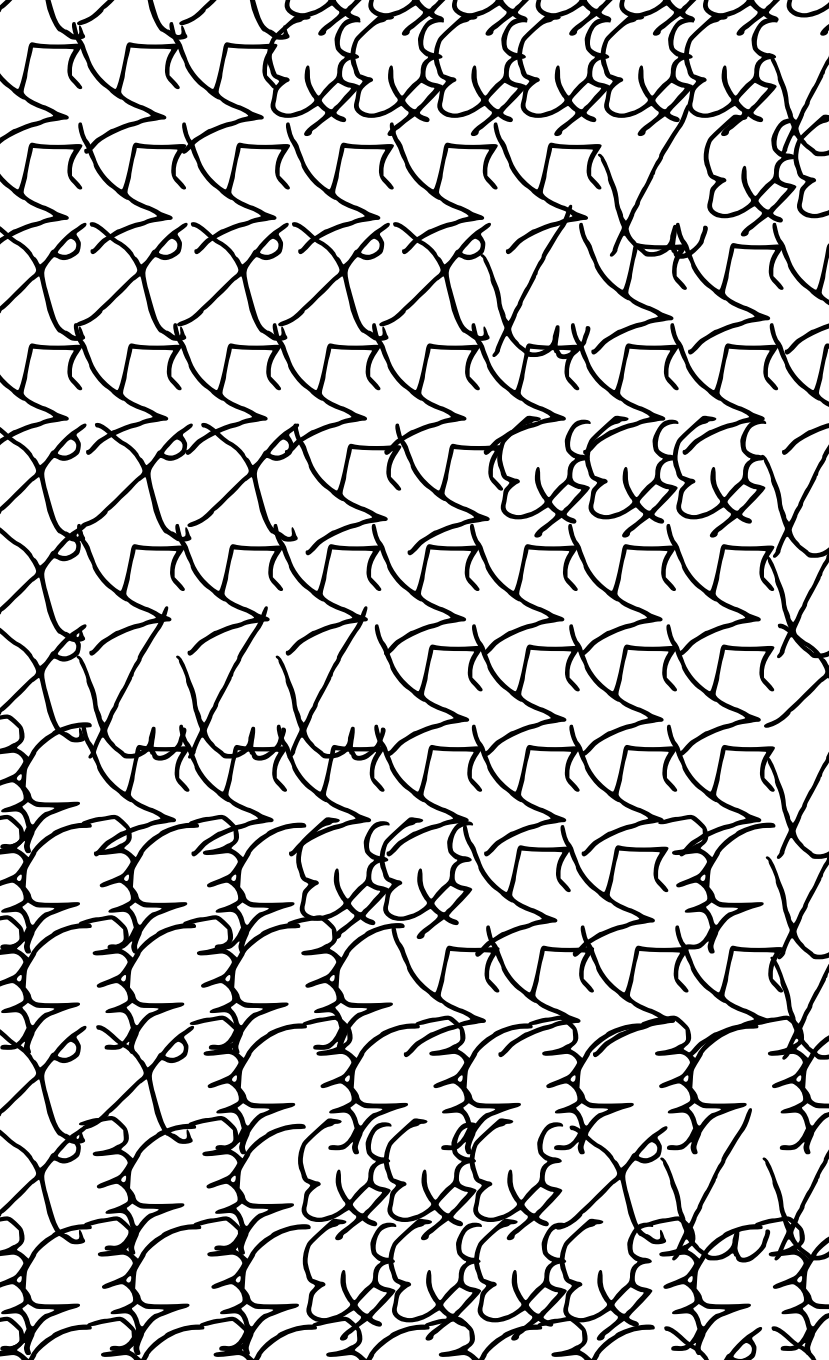
Ela se levantou enquanto ele estava dormindo. Vai andando pelo cais de Tournelle. Continua chovendo. Sobe a rua Bernardins até Maubert. Será que eles mexeram nos papéis? Olha como fala comigo! O simbólico, o simbólico, eles só falam nisso! Tem gente que não dorme mais de duas horas por dia. Bulevar Bineau. Ponte de Levallois. Ilha da Jatte. Um estudante de farmácia. O que é que ele está fazendo ali? Memorável turbilhão. Você devia pelo menos voltar para os trabalhos práticos. O reconhecimento das plantas. As doses máximas. A balança de Cotton. Deixa eles entrarem. As escadas de madeira da idade média. O cheiro de Louviers. Móveis de vime. Pôsteres de vidro. Trinta e três rotações. Já vou te encontrar.











N-1 + hedra  
edições

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

G918r Guattari, Félix

Ritornelos / Félix Guattari ; tradução de Hortência Santos Lencastre.  
- São Paulo : N-1 edições, 2019.

134 p. ; 11cm x 18cm. – (Coleção Lampejos ; v.2)

ISBN: 978-65-81097-02-8

1. Psicanálise. 2. Filosofia. 3. Literatura. I. Lencastre, Hortência Santos . II. Título. III. Série.

2019-1859

CDD 150.195

CDU 159.964.2

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Psicanálise: Filosofia: Literatura 150.195
2. Psicanálise: Filosofia: Literatura 159.964.2